

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO
CAMPUS DO SERTÃO

Heloísa Cecília de Araújo Silva

**LETRAMENTO E TDIC: UMA EXPERIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DE DELMIRO
GOUVEIA E ARAPIRACA/AL**

Delmiro Gouveia – AL
2018

Heloísa Cecília de Araújo Silva

**LETRAMENTO E TDIC: UMA EXPERIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DE DELMIRO
GOUVEIA E ARAPIRACA/AL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista no curso especialização em educação no semiárido da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, em Delmiro Gouveia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss

Delmiro Gouveia – AL
2018

Catálogo na fonte

**Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S586l Silva, Heloísa Cecília de Araújo

Letramento e TDIC : uma experiência nos municípios de Delmiro Gouveia e Arapiraca/Al / Heloísa Cecília de Araújo Silva. – 2018.

40 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Lílian Kelly de Almeida Figueiredo Voss.
Monografia (Especialização em Educação no Semiárido) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Tecnologias da Informação e Comunicação. I. Título.

CDU: 37

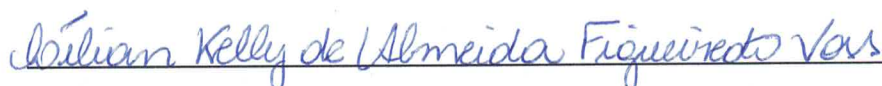
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM *EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO*

LETRAMENTO E TDIC: UMA EXPERIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DE
DELMIRO GOUVEIA E ARAPIRACA

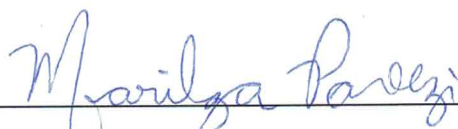
HELOISA CECÍLIA DE ARAÚJO SILVA

Monografia submetida à banca examinadora no Curso de Especialização em *Educação no Semiárido* da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão/Delmiro Gouveia/AL e aprovada no dia 31 de agosto de 2018.

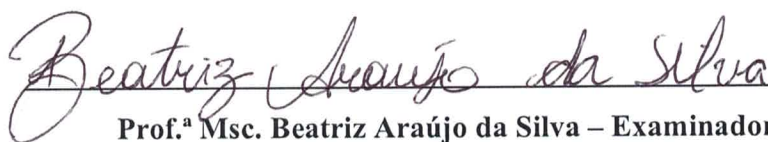
Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Lillian Kelly de Almeida Figueiredo Voss – Orientadora



Prof.^a Dr.^a Marilza Pavezi – Examinadora 1



Prof.^a Msc. Beatriz Araújo da Silva – Examinadora 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço, infinitamente, a Deus, por eu acreditar que nossa existência pressupõe outra infinitamente superior.

A minha filha, Isabela que embora ainda não tem conhecimento disto, ilumina de maneira especial os meus pensamentos me dando motivação para vencer.

Ao meu pai, *in memoriam*, por ter me ensinado a ter fé, pela sua força, coragem e vontade de viver mesmo diante de todas as dificuldades impostas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss, que compartilhou comigo as suas ideias e conhecimentos.

Aos meus colegas de especialização, pelas risadas, frustrações, ansiedades e conhecimento compartilhado.

RESUMO

Os métodos de ensino utilizados, desde a educação infantil ao ensino superior, vem passando por várias transformações. O aluno precisa não apenas ser alfabetizado, agora precisa ser letrado, ou seja, não apenas conhecer os signos e símbolos de sua língua, mas saber interpretá-los compreendê-los e usá-los na sua vida social, política e histórica. Diante dessa premissa, esta pesquisa buscou analisar os conceitos e a importância de alfabetizar letrando através do uso de diversos gêneros, escritos e digitais como também, contextualizar alguns conceitos de alfabetização e letramento, mostrar a importância da sociedade de ter acesso às tecnologias da informação e comunicação TDIC, e, por fim abordar possibilidades educativas, por meio de um curso de formação para professores de duas escolas públicas, que contemplem atividades destinadas a alfabetizar e letrar por meio das TDIC. O presente estudo é de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório. Nos apoiamos em um levantamento da fortuna crítica de Soares (2001), Rojo, (2009), Marcuschi (2008) a respeito de alfabetização e letramento e uso dos gêneros na sala de aula, além de noções teóricas da comunicação com Bourdieu (1997), Lévy (2003), Maturana e Varela (2001) entre outros. A partir das referências citadas almejamos refletir sobre como o letramento unido as TDIC pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita. Tendo em vista, que nas práticas escolares pretendemos formar leitores proficientes, não nos cabe escolher entre alfabetizar ou letrar o que torna-se necessário é alfabetizar letrando.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Gênero textual. Tecnologias da informação e Comunicação.

RESUMEN

Hoy, en lo que se refiere a los métodos de enseñanza, desde la educación infantil a la enseñanza superior, viene pasando por varias transformaciones. El alumno necesita no sólo ser alfabetizado, ahora necesita ser letrado, es decir, no sólo conocer los signos y símbolos de su lengua, sino saber interpretarlos para comprenderlos y usarlos en su vida social, política e histórica. En el marco de esta premisa, esta investigación buscó analizar los conceptos y la importancia de alfabetizar marcando a través del uso de diversos géneros, escritos y digitales, así como contextualizar algunos conceptos de alfabetización y letra, mostrar la importancia de la sociedad de acceder a las TDIC, por fin abordar posibilidades educativas, a través de un curso de formación para profesores de dos escuelas públicas, que contemplen actividades destinadas a alfabetizar y letrar por medio de las TDIC. El presente estudio es de un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio. En el caso de que se trate de una de las más importantes de la historia de la humanidad, se trata de un proceso que, , Lévy (2003), Maturana y Varela (2001) entre otros. A partir de las referencias citadas anhelamos reflexionar sobre cómo el letramento unido a las TDIC puede contribuir a la mejora de la calidad de la enseñanza y del aprendizaje de la lectura y la escritura. Teniendo en cuenta que en las prácticas escolares pretendemos formar lectores proficientes, no nos cabe elegir entre alfabetizar o letrar lo que se hace necesario es alfabetizar letrando.

Palabras clave: Alfabetización. Alfabetización. Género textual. Tecnologías de la información y la comunicación.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Professores utilizando o software Minecraft	30
Figura 2: Poesias no Power point.....	30
Figura 3: Elaboração da Rádio no Audacity, detalhe do nome nas blusas das professoras.....	31
Figura 4: HQ no pixton	31
Figura 5: Uso do YouTube Educação	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TDIC – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TV - Televisão

HQ- Historia em quadrinho

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ALFABETIZAR X LETRAR.....	13
2.1 Letramento como prática social	15
2.2 O letramento e o uso dos gêneros textuais digitais na sala de aula	16
3. A UTILIZAÇÃO DAS TDIC NO CONTEXTO ESCOLAR	20
3.1 Mídia TV/Vídeo e seus possíveis recursos para a prática pedagógica.....	22
3.2 Mídia Rádio: a relevância da utilização dos seus recursos.....	23
3.3 Mídia Impressa: recursos antigos e atualmente bastantes utilizados	24
3.4 Mídia Internet e suas possibilidades.....	26
4. A PRODUTIVIDADE DOS LETRAMENTOS MULTIPLOS NA EDUCAÇÃO DO SEMIARIDO: UMA EXPERIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DE DELMIRO GOUVEIA E ARAPIRACA.....	28
4.1 Alguns apontamentos sobre a aplicabilidade do curso de formação	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

As práticas sociais de leitura e de escrita estão presentes na vida cotidiana de praticamente toda a sociedade. Mesmo sem perceber, de alguma forma nós observamos, analisamos e emitimos juízos de valor a todo o tempo, inclusive a percepção que se tem do mundo e como nós enxergamos, isto é ler. Ao nos orientar por placas, nos sinais de trânsito, ler uma bula de remédio, fazer uma lista de compras, ir ao banco e retirar um extrato bancário e até contar uma história. Todas essas atividades constituem formas de utilização social da leitura, ou seja, letramento.

Hoje, no que diz respeito aos métodos de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior, estes vem passando por várias transformações. O aluno precisa não apenas ser alfabetizado, agora precisa ser letrado, ou seja, não apenas conhecer os signos e símbolos de sua língua, mas saber interpretá-los compreendê-los e usá-los na sua vida social, política e histórica. Dessa forma, para se obter informações de forma mais precisa, o indivíduo precisa estar atento as mudanças em que a linguagem e produção escrita passam, pois as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, principalmente a digital.

A motivação para a proposição desta pesquisa surgiu com as reflexões realizadas em sala no programa de especialização em Educação no semiárido. Nas referidas aulas, debatemos sobre a forma como as práticas pedagógicas estão sendo desenvolvidas nas escolas da região, muitas vezes são ministrados seus conteúdos de forma muito distante da prática social dos educandos, com ensino estruturalista e com materiais didáticos que não contemplam a variedade de gêneros textuais e midiáticos que estão presentes em nosso cotidiano.

O objetivo principal deste trabalho foi o de analisar, por meio de referencial bibliográfico e exploratório, os conceitos e a importância de alfabetizar letrando através do uso de diversos gêneros, escritos e digitais. Como objetivos específicos, buscamos contextualizar alguns conceitos de alfabetização e letramento, mostrar a importância da sociedade de ter acesso às TDIC, tanto na sua vida profissional, pessoal ou em qualquer outra atividade que se utilizem as tecnologias e por fim,

abordar possibilidades educativas, por meio de um curso de formação para professores de duas escolas públicas, que contemplem atividades destinadas a alfabetizar e letrar por meio das TDIC.

Por meio do letramento, o indivíduo torna-se capaz de instruir-se e de selecionar, entre muitas informações, aquele que realmente é importante ao contexto. Dessa forma, as mais variadas formas de utilização da leitura e da escrita, sejam impressos ou digitais, precisam se fazer presentes no universo escolar, pois na era da informação, o domínio das tecnologias, se torna elemento indispensável para aqueles que desejam participar ativamente na era digital. A vivência dessas práticas de letramentos digitais, nas séries do ensino fundamental, capacita o aluno a compreender textos de diferentes disciplinas e interpretar diferentes situações-problema.

Todavia, essa não é a realidade que muitas escolas adotam nas aulas, precisamente na prática de leitura e produção, pois há ainda uma acentuada escolarização do letramento em ações de codificação e decodificação da língua materna, tornando-se perceptível, nas produções escolares, que nem sempre é dada aos estudantes a oportunidade de se expressarem a partir da construção de textos (orais ou escritos e digitais). Desse modo, como partícipes de experiências no ensino fundamental é perceptível a preocupação que os professores têm em formar bons leitores e também bons entendedores daquilo que está sendo ensinado. Com esse intento, elencamos a seguinte questão de pesquisa: há por parte dos professores a consciência de se realizar práticas de letramentos digitais em que o educando seja privilegiado, que sejam possibilitados a ele conhecimentos essenciais para a participação, com autonomia, nas mais variadas práticas sociais?

Com a tentativa de responder tal questão nos apoiamos em um levantamento da fortuna crítica de Soares (2001), Rojo, (2009), Marcuschi (2008) a respeito de alfabetização e letramento e uso dos gêneros na sala de aula, além de noções teóricas da comunicação com Bourdieu (1997), Lévy (2003), Maturana e Varela (2001). A metodologia da pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, na observação direta da prática do ensino, buscando estudar as particularidades e experiências dos professores, tendo como instrumental a

observação participante. Após a primeira etapa, foi realizado um curso a fim de aplicar os conceitos teóricos estudados.

O segundo capítulo tratará de conceituar o que é o letramento dentro de um contexto histórico, origem do termo, conceituação e relações com a escolarização. Os tópicos do capítulo irão discutir sobre o que os teóricos pensam a respeito da diferença entre o que é alfabetizar e letrar, por conseguinte, aborda o letramento como prática social, que ao se utilizar como instrumento, deixa marcas externas e cria bens culturais, pois pensa-se que a escola deve estabelecer uma relação com o mundo social, cultural e natural. Por fim, tratará sobre o papel dos gêneros discursivos dentro da proposta de letramentos múltiplos, como todas as formas de uso da escrita, encontradas nos gêneros digitais, em filmes, cartas, livros de oração, jornais, livros literários, textos de outdoors, telegramas, e-mails, receitas culinárias, médicas, contas de água, de luz e assim por diante, práticas sociais que foram incorporadas a leitura e escrita.

No capítulo seguinte, explanaremos sobre a importância das tecnologias como prática social, buscando destacar a acuidade em se efetivar práticas de letramento que utilizem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação para o ensino-aprendizagem como um novo modo de abordagem dos conteúdos com a inclusão de objetos.

O último capítulo tem como proposta relatar a experiência de trabalho com letramentos múltiplos dentro das escolas estudadas. Será exposto o cotidiano da observação referente aos saberes e as práticas utilizadas nos recursos digitais e midiáticos nas aulas.

Letramento é [...] um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser.

(CHONG, Kate M. (1996 apud Soares, 2009, p. 41)

*[...] enquanto o alfabetizado busca o rumor da língua, o leitor contempla o silêncio do texto escrito
[...]* (AZEVEDO, M^a Amélia; MARQUES, M^a Lucia.1995, p.75.)

2. ALFABETIZAR X LETRAR

Nas mais distintas culturas e diferentes lugares onde habitam, a leitura se faz presente. Leitura das palavras, arte, do mundo, entre outras possibilidades que proporcionam o ato de ler. É possível inferir sobre a existência dessas múltiplas formas que permeiam o cotidiano das pessoas, dos lugares e signos que aprendemos a interpretar. É importante observar que esse ato não está apenas imbricado naquele que se faz na decifração ou decodificação dos símbolos linguísticos, mas cada leitor interpreta signos dando-lhe sentido de maneira própria tendo aprendido a fazê-lo com determinada cultura na qual está inserido. Mesmo sem perceber, de alguma forma nós observamos, analisamos e emitimos juízos de valor a todo o tempo, inclusive a percepção que se tem do mundo e como nós enxergamos, isto é ler.

Hoje, para se obter informações de forma mais precisa, o indivíduo carece estar atento as mudanças em que a linguagem e produção escrita passam, pois as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas e dependentes da língua escrita, principalmente a digital. Essa necessidade de informação fez com que fossem criados métodos que ultrapassassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, como letrar e alfabetizar utilizando recursos tecnológicos, para além do conceito de alfabetização, do qual enfatizava fundamentalmente a aprendizagem do sistema convencional da escrita.

Um dos grandes problemas encontrados no processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita nas escolas é a forma que o letramento vem sendo debatido e como o seu significado é fragmentado e restrito. É o que Soares (2009) chama de um determinado conflito, pois há falta de uma definição precisa de letramento, sobretudo, o que tange o conceito digital, e a necessidade de sua avaliação e medição, ou seja, muitos conceitos, avaliações, provas, resultados e não se baseiam no real desenvolvimento do aluno. O indivíduo pode possuir habilidades decodificadoras, dos signos linguísticos e saber executá-las quando for preciso, por exemplo, em provas de língua portuguesa com conteúdos que envolvem a gramática normativa, mas ao mesmo tempo, não garante que este mesmo indivíduo que possui essas habilidades irá executá-las em práticas sociais, o que o torna simplesmente alfabetizado, mas não letrado.

Embasados agora, na ideia de que é preciso não somente ler, mas compreender e utilizar de forma adequada aquilo que aprendemos, e, inserir em sua metodologia o recurso tecnológico, chegamos ao conceito de letramento. Esse nome ocorre a depender fundamentalmente de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social. No momento, preparemos o terreno para tratar, sobretudo, de como o letramento está intimamente imbricado com processos sociais resultantes por transmitir e reforçar valores, crenças, tradições e até formas de poder.

Pode-se dizer que o letramento é um conceito recente, introduzido pelas ciências linguísticas. Seu surgimento se deu em decorrência da necessidade de buscar o domínio do sistema alfabético e ortográfico incluindo o desempenho e práticas sociais ligadas à leitura e escrita. Essa ligação intrínseca entre letrar e alfabetizar precisa ser desenvolvida, com exercício efetivo e competente, nas situações em que o indivíduo precisa ler e escrever e não apenas registrar autonomamente palavras numa escrita alfabética. Todavia ler, compreender aquilo que está sendo exposto e ser capaz de produzir os textos variados.

Desde pequeno somos estimulados a interagir com as mais diversificadas demonstrações de leitura e escrita em nosso cotidiano, a exemplo disso temos as placas de trânsito, rótulos de produtos, propagandas, anúncios televisivos e muitos outros. Essa prática perdura durante toda nossa existência. Com o passar do tempo, vamos aprimorando nossa capacidade de apreender o mundo e passamos a participar dessas práticas sociais que envolvem o ato de leitura e escrita, seja na leitura ou elaboração de um bilhete ou de uma carta, ou até mesmo compreender textos literários, informativos, livros e jornais.

Soares (2001) aduz ser impossível formular um conceito único de letramento adequado a todas as pessoas, justamente por ser complexo, determinado pelo tempo histórico, pelo contexto social, cultural e político. A autora, ao refletir sobre a diferença entre a alfabetização e letramento, afirma que: [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, é aquele que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2001, p 39). Completando assim seu pensamento, não basta ensinar a simples decodificação das

letras, mas é preciso “levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita”.

A alfabetização, segundo Soares (2003), processo de aquisição do sistema convencional da escrita alfabética e ortográfica, foi de certa forma perdendo para o letramento. Assim, enquanto a primeira tinha por objetivo que o indivíduo trabalhe adequadamente em sua cultura ou grupo de forma ativa, o segundo permite para, além disso, viabilizar um posicionamento do indivíduo diante da dinâmica social. Para Soares (1992, p. 97),

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos.

Como vimos, são conceitos opostos, mas que possuem uma determinada dependência, a alfabetização só terá sentido efetivo se estiver presente o letramento, enquanto o letramento precisa do sistema da escrita para se desenvolver.

2.1 Letramento como prática social

A língua se configura como algo dinâmico, rico, social, multifacetada. Possibilita as relações sociais por comunicar. Entretanto, o domínio do código escrito, saber ler e escrever, tem se mostrado limitado no que concerne as novas demandas atuais. Rojo (2009) discute sobre a necessidade de compreender os novos letramentos que estão surgindo na atual conjuntura, o que ela chama de letramentos múltiplos, com o acesso às tecnologias digitais da comunicação e informação (computadores, celulares, tocadores de MP3, televisão digital, entre outras) e Soares (1998, p. 47) define letramento como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita.”. Essas variadas formas de utilização da leitura e da escrita devem estar inseridas tanto na cultura escolar e da dominante, como também das diferentes culturas locais e populares com as quais alunos e professores estão envolvidos, assim como os produtos da cultura de massa.

A autora também discute sobre as escolhas que fazemos, as quais nunca são neutras, nem impunes, pois o tempo escolar que se toma com um objeto de ensino não será dedicado a outro, “nada em educação nunca é neutro e nossa tarefa é justamente a de fazer escolhas e encaminhamentos conscientes”. (ROJO, 2009, p. 121). Considerando essa afirmativa, é preciso que nas aulas sejam feitas escolhas de procedimentos didáticos metodológicos que façam sentido para os educandos e que os levem a práticas efetivas de convivência com o lugar onde vivem, que se desmitifique a ideia de ensino de língua portuguesa classicizante e apenas para ricos, desconstruindo paradigmas. Segundo Soares (2004, p. 100),

O caminho para esse ensino e aprendizagem é a articulação de conhecimentos e metodologias fundamentados em diferentes ciências e sua tradução em uma prática docente que integre as várias facetas, articulando a aquisição do sistema de escrita, que é favorecida por ensino direto, explícito e ordenado, aqui compreendido como sendo o processo de alfabetização, com o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais de leitura e de escrita, aqui compreendido como sendo o processo de letramento.

Para tanto, se faz necessária uma análise de como o letramento unido a criação de novas metodologias de ensino (como as TDIC), visa garantir eficazmente a competência comunicativa do aluno.

2.2 O letramento e o uso dos gêneros textuais digitais na sala de aula

A língua se configura como algo dinâmico, rico, social e multifacetada, aprendemos desde muito pequenos que precisamos de modelos de comunicação para determinadas coisas, através da interação. Essa influência mútua entre falantes acontece porque cada sociedade traz consigo um legado de gêneros, por meio dos quais são partilhados conhecimentos comuns. Com o passar do tempo, em consequência das mudanças sociais, os gêneros se alteram, desaparecem, se transformam em outros gêneros. Desse modo, novos gêneros textuais vão se constituindo, em um processo permanente, em função da necessidade de cada um. De acordo com Bakhtin (1992, p. 274),

Os gêneros constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. As intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos.

Nesse sentido, essa estabilidade de enunciados se dá a partir da ideia de que bem como a sociedade, os gêneros também se modificam para atender às necessidades de uma sociedade. A exemplo do gênero carta, que ainda é usada, todavia, se atualizou, dando lugar ao uso do *e-mail* como forma de comunicação mais rápida e precisa.

Na interação entre indivíduo e situação comunicacional, Schneuwly (2004, p. 21) afirma que "[...] encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ou a situação na qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir [...]". Portanto, o uso dos gêneros são mediadores de situações comunicacionais e interação verbal dentro de uma sociedade.

Atualmente, os estudos sobre gêneros na sala de aula têm apontado as vantagens de se abandonar o tradicional esquema das estruturas textuais (narração, descrição e dissertação) para adotar a perspectiva de que a escola, mais precisamente as aulas de língua portuguesa precisa incorporar em sua prática os gêneros ficcionais ou não-ficcionais que circulam socialmente.

Como abordado anteriormente, é por meio dos gêneros que a ação discursiva cumpre os objetivos definidos para certas atividades. Assim, levando a discursão para a sala de aula, o trabalho com os gêneros pode se articular a partir de duas dimensões - aos aspectos socioculturais, a forma de como o gênero funciona na sociedade e aspectos linguísticos, que é a compreensão do que o texto informa ou comunica, ou seja, aprender as características e funcionalidade de um determinado gênero e oferecer situações comunicacionais em que o educando possa assim operacionalizá-lo de maneira satisfatória, criando situações de ensino que favoreçam o processo do alfabetizar letrando. Os gêneros precisam ser considerados não apenas em seus aspectos estilísticos, mas, sobretudo, sociodiscursivos, em seus processos de interação, suportes textuais e o espaço em que o mesmo é circulado.

É preciso, assim proporcionar a entrada e a permanência na escola de um trabalho voltado aos gêneros discursivos das mais diversas esferas de atividade humana: escolar, científica, artística, política, jornalística, cotidiana, publicitária a fim de tornar o ensino de língua materna mais situado e significativo. Cotidianamente nos deparamos com gêneros não ficcionais e com usos reais de livros, jornais,

revistas, gibis, folhetos de propaganda, novenas, anúncios de cartomantes, receitas, mapa de ruas da cidade, a página do jornal que traz o clima de sua cidade, uma receita, um extrato bancário, um carnê de uma prestação, mas o que ocorre é que muitos professores de Língua Portuguesa limitam-se aos relatos de ficção, o que está longe do ideal.

Nessa perspectiva, nos baseamos na ideia de Rojo (2009, p. 115) ao afirmar que:

[...] o papel da escola na contemporaneidade seria o de colocar em diálogo – não isento de conflitos, *polifônicos* em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas *locais* com as culturas *valorizadas*, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar ligações contra-hegemônicas, para translocalizar lutas sociais. Como gosto de dizer, para transformar *patrimônios* em *fratrimônios*. Nesse sentido, a escola pode formar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota em sua língua.

As aulas de língua portuguesa precisam estar pautadas no uso e compreensão da língua materna e produção de texto. Essas práticas precisam convergir de forma indissociável de fatores linguísticos, sociais e culturais, mas para isso, o indivíduo precisa ter domínio da sua língua e compartilhar situações e as formas de como os discursos se organizam. (MARCUSCHI, 2011, p. 19). chama de estudo dos gêneros na sala de aula como prática social discursiva, no qual defende que esse estudo requer um enfoque multidisciplinar, com enquadramento na linguagem e nos aspectos das ações culturais e sociais.

Para o autor, “eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”. Por isso, o autor condiciona o surgimento do gênero a modelos sociais adequados, situações de uso e momento histórico-social. Nessa perspectiva, o gênero dá sentido às atividades humanas e é realizado em textos que tem sua atividade discursiva legitimada pelas instituições e, certamente o espaço escolar pode propiciar o uso e o diálogo de diferentes gêneros a fim de ampliar o repertório sócio comunicativo dos educandos.

Nessa condição, é preciso enfatizar que essa ampliação de repertório sócio comunicativo, deve levar em consideração todo o contexto em que a escola e que os educandos estão inseridos, devendo estar alicerçada nas rotinas sociais e nos costumes culturais de cada região, mais precisamente na região do semiárido. Rojo (2009, p. 108) que, em relação à escola, afirma ser:

Um dos objetivos principais [...] possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os **multiletramentos** ou **letramentos múltiplos**, os **letramentos multissemióticos**, os **letramentos críticos e protagonistas**.

Explicando essa dinâmica que a autora defende e levando à prática em sala de aula, podemos pensar nos meios de comunicação de massa, no letramento midiático (gêneros jornalísticos, publicitários, etc) e nos gêneros da esfera da criação artística que são veiculados nas rádios, nos canais de televisão, nos jornais, nas revistas, na Internet. Todos eles, permeiam o cotidiano do aluno e em contextos comunicativos diferentes, possibilitando fazer o uso nas muitas esferas de comunicação humana que se constituem na interação social.

3. A UTILIZAÇÃO DAS TDIC NO CONTEXTO ESCOLAR

As TDIC estão imersas no trabalho, nas residências, e, sobretudo, nas escolas e universidades, não sendo mais inapropriada para o uso neste último. No campo da educação, o desafio maior é a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio-cultural, de tal modo que, se equilibrem dois polos tão distantes entre si: o cidadão do mundo e o homem degradado em seu meio, impossibilitado, não de ver reconhecidos seus direitos, mas de saber que têm direitos. “O cidadão da globalização, aquele que emerge do conhecimento pleno, e o homem aviltado, aquele que não come, não lê, não tem condições mínimas de usufruir os benefícios do mundo, estão imersos aos prazeres oferecidos pelas tecnologias” (BACEGGA, 1997, p. 25).

Avaliando os significativos avanços das TDIC, a escola tem o importante papel de inserir e disseminar em sua práxis uma nova forma de ensino e aprendizagem, no que tange, principalmente a maneira de alfabetizar e letrar, voltada, sobretudo, à integração das mídias e uso das TDIC, e suas múltiplas linguagens, a fim de tornar os cidadãos autônomos e auto avaliadores de seus próprios conhecimentos.

Esse contexto não deve ser mais ignorado pela escola, o qual exige novas formas de comunicação, novas linguagens e formas de ensinar e aprender. Em meios aos desafios da contemporaneidade, a escola necessita preparar-se e preparar os professores para o uso das mídias e tecnologias no contexto escolar. É notória a deficiência existente quanto a essa utilização, talvez por falta de equipamentos ou atualizações dos professores. No entanto, o importante é incentivar essa utilização na prática pedagógica.

Para tentar aperfeiçoar os professores para a utilização e integração dos recursos didáticos mais simples, como o livro e o quadro, é necessário saber a operação e aplicação específica de cada mídia e recurso, a ser utilizada no ciclo de conhecimento. A participação em formações continuadas é o espaço apropriado para a disseminação de ideias que envolvam o conhecimento e a utilização destas no contexto escolar.

Além disso, o desenvolvimento de projetos de formação continuada a distância de qualidade, também envolve os profissionais da educação, vencendo, de

tal modo, a resistência e o preconceito sempre evidenciados quando o assunto é a integração e utilização das TDIC na prática pedagógica.

As TDIC, ao mesmo tempo em que trazem grandes potencialidades de criação de novas formas mais performáticas de mediação, acrescentam muita complexidade ao processo de mediação do ensino e aprendizagem, pois “há grandes dificuldades na apropriação destas técnicas no campo educacional e em sua “domesticação” para utilização pedagógica” (BELLONI, 2005, p. 27).

Esta “nova” prática é um trabalho de parceria que abrange não somente os professores e alunos, mais toda comunidade escolar e a sociedade. É preciso que haja um amplo planejamento, e não meramente mudar o currículo para que as mudanças no método pedagógico sejam incorporadas de forma equilibrada e coerente. São necessárias várias ações articuladas em diversos níveis e categorias, pois as reais mudanças só poderão ocorrer a partir de uma reformulação da visão de educação e da proposta maior que se quer desenvolver.

Segundo Almeida (2002), o professor deverá sempre estar atento e ser, nesse processo, o articulador do ensino com a pesquisa, ressaltando e observando o desenvolvimento em diferentes perspectivas do aluno, sua forma de linguagem, e principalmente a sua escrita, não deixando de auxiliar o aluno a construir seu conhecimento.

Várias escolas contam com algumas mídias para exploração de suas potencialidades relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, mas falta ainda, a preparação da comunidade escolar para identificá-las como instrumento pedagógico, e utilizá-las com fins e objetivos definidos e educativos.

O fato é que, ainda, as escolas se encontram em fase de adequação quanto à integração e uso das mídias e tecnologias, não conseguindo estabelecer um trabalho articulado. Existem os laboratórios, a estrutura, mas há a falta de recursos humanos. É necessário que não só os docentes, mas, todos os que fazem parte da escola iniciem a utilização destas reconstruindo a sua prática, para que o uso possa ser integrado às atividades pedagógicas.

E isto requer compreensão e articulação de novos referenciais pedagógicos que abarquem os conhecimentos das especificidades das mídias, entre outras competências exigidas no atual contexto. A atuação do gestor é de suma importância, pois poderá apoiar movimentos de integradores, articuladores e sistêmicos, criando condições para a utilização das TDIC nas práticas escolares.

Um dos papéis do gestor é a promoção de reuniões sistemáticas e planejadas para a discussão de temas que sejam de interesse dos docentes e alunos, que promovam a melhoria da qualidade de ensino da escola. É o gestor quem deve buscar junto às esferas superiores, recursos tecnológicos e de pessoal.

Essa interpretação traz junto com a autonomia a ideia de uma gestão colegiada, para atender os moldes educacionais vigentes, com responsabilidades compartilhadas pela comunidade interna e externa à escola. Porém, é assegurado que a escola é entendida como um espaço de elaboração de conhecimentos, aquisição de habilidades e formação de valores, cabendo ao gestor articular essas ações no âmbito escolar, principalmente para o uso das TDIC.

O uso de tecnologias como apoio ao ensino e à aprendizagem vem evoluindo vertiginosamente nos últimos anos, trazendo consigo efetivas contribuições à educação. Entretanto, para evitar ou superar o “uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender e de ensinar, bem como de produzir, comunicar e representar conhecimento, possibilitadas por esses recursos, que favoreçam a democracia e a integração social” (ALMEIDA, 2005, p. 18).

Utilizar as TDIC é inevitável, pois as experiências realizadas em escolas apontam à necessidade do trabalho de integração e cooperação das mesmas na escola. É fundamental para que qualquer proposta com o uso das TIC seja efetivada, que a comunidade participe. Assim, o trabalho se tornará relevante e significativo, além de ser compreendido por todos os partícipes da ação.

3.1 Mídia TV/Vídeo e seus possíveis recursos para a prática pedagógica

A cultura da televisão (TV) é até hoje o laço entre as classes sociais, buscando atingir um referencial diferente e inovador, contribuindo e incentivando a modernização. Segundo Moore e Kearsley (2007), a televisão continua exercendo um forte poder a despeito dos desafios impostos pelas TDIC. Esta tende a conferir uma visão diferente de mundo para o ser social, como um mundo sem fronteiras, de caráter síncrono e assíncrono, sendo as informações trazidas para o sujeito de forma rápida e barata.

Neste caso, a imagem, o rápido repasse, as várias possibilidades de uso, fizeram com que a tecnologia se expandisse e conquistasse um espaço significativo

junto ao público. A televisão, como o principal recurso tecnológico para se utilizar na escola, é um dos principais acessos à informação, também sendo idolatrada por inúmeras pessoas, mas não deixando de ser considerado um problema a mais para pais e educadores e por uma parcela maior da intelectualidade, pois o principal fator alegado é a sua capacidade de manipulação. “Com a televisão, estamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo” (BOURDIEU, 1997, p. 18).

Para Bourdieu (1997) a linguagem televisiva não é um jogo de rótulos, mas ferramentas que são utilizadas para diferentes fins, e o seu uso em determinado contexto lhe confere o significativo que tem para nós, que é expresso na forma que cada telespectador assume em seu comportamento. O recurso televisivo, junto ao vídeo, é uma das tecnologias mais utilizadas pelos docentes em sala de aula, seja para realizar atividades significativas, ou ocupar os alunos com imagens sem intenções objetivas.

É de fundamental importância, que a escola junto com os pares realize um planejamento, em conjunto com um acompanhamento sistemático e uma avaliação da atividade desenvolvida com os alunos, a fim de averiguar os pontos positivos e negativos que subsidiarão a consecução de atividades futuras, realizadas com o uso das TDIC na unidade escolar. A tecnologia deve ser uma auxiliar da ação educativa, sem, portanto, se sobrepor. Por isso, a escola deve estar preparada para lidar com as TDIC, principalmente para a sua utilização no momento de alfabetizar e letrar, pois identificando o real papel de cada uma, os alunos compreenderão as formas de funcionamento e estruturação desse sistema comunicacional, das linguagens e mensagens nele veiculadas.

3.2 Mídia Rádio: a relevância da utilização dos seus recursos

A mídia rádio é um dos meios de comunicação mais antigos, permitindo aos lugares mais longínquos, no qual a TV não pôde monopolizar, a aquisição das informações atuais (cultura, lazer, sócio-político) dos menos abastados aos mais abastados. Com o aprimoramento das TDIC, mesmo com condições de alcançar os lugares mais longínquos, o rádio perdeu um pouco do espaço para outras mídias e

tecnologias, que apresentam, entre as suas características, recursos audiovisuais atrativos e eficazes.

Referente às ações para a utilização em sala de aula, temos experiências significativas e interessantes, que devem ser apreciadas e adaptadas de acordo com a realidade de cada ambiente escolar. Para ser utilizada em sua plenitude, devem ser promovidas capacitações aos professores sobre as especificidades e potencialidades da mídia rádio e seus recursos, assim como as escolas devem possuir equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, seduzindo a comunidade para participarem em conjunto à escola de projetos que reforcem a importância das TDIC em sala. A maioria dos professores não utiliza tal ferramenta em sala de aula, por não terem o conhecimento específico de projetos ou programas desenvolvidos por esta mídia.

O rádio é um instrumento que está presente no dia-a-dia dos sujeitos, como um meio de comunicação e entretenimento, no contexto da sociedade do conhecimento. Este deve ter ligações estreitas com a educação e a informação, devido a constantes mudanças mediadas pelo grande e rápido desenvolvimento da tecnologia. “O rádio tem a vantagem de ser uma mídia flexível, permitindo uma reportagem com informações de qualquer lugar do mundo e proporcionando a atualização rápida de material a custos técnicos reduzidos” (MOORE e KEARSLEY, 2007).

Quanto à utilização do rádio na escola, consiste em uma didática de interação entre o meio social e o meio sistêmico de aprendizagem, em que os conteúdos dos programas de rádio devem ser de relevância social, propiciando conhecimentos básicos, essenciais para qualquer cidadão resolver problemas no contexto histórico e sociocultural e compreender a ideia de interrelação entre as sociedades humanas, para saber tratar as informações articuladas entre si e conectadas com outras áreas do conhecimento veiculadas pelo rádio.

3.3 Mídia Impressa: recursos antigos e atualmente bastantes utilizados

A escrita surgiu da necessidade de comunicação do homem primitivo, com gravações de imagens nas paredes, originando o sistema de representação. “A escrita é um método de registro da memória cultural, política, artística, social e religiosa de um povo. Instrumentaliza a reflexão, a expressão, e a transmissão de

informações, entre outras necessidades sociais” (Módulo Impresso, 2007). A partir dessa necessidade, os livros surgiram, pois os povos escreviam em diversos materiais, conforme a disponibilidade de cada lugar.

A escrita permitiu uma nova maneira de os indivíduos se relacionarem, antes de seu surgimento, uma história só poderia ser contada oralmente, após esse surgimento, a história começou a ser relatada de maneira impressa. Deste modo, os sujeitos começaram a cogitar sua própria visão da realidade social, analisando o conhecimento e questionando as diversidades sócio-culturais advindas da sociedade.

Atualmente, o livro impresso parece estar sendo esquecido, pois com a cultura do hipertexto, crianças, jovens e até adultos preferem recorrer aos recursos disponíveis na Internet. No livro, não conseguimos consultar duas páginas ao mesmo tempo, torna-se incômodo, é necessário que se leia uma página, para depois consultar a outra. No hipertexto, podemos rapidamente adentrar em outros assuntos, basta clicar na palavra “linkada”, que surgem novos textos, imagens, sons, vídeos e até indicações de várias referências acerca do tema pesquisado.

O hipertexto se apresenta então como novo paradigma tecnológico que liberta o usuário da lógica unívoca, da *lógica da distribuição*, (...) ele permite a reinvenção da própria natureza e materialidade das velhas tecnologias informacionais em novas tecnologias informatizadas conversacionais. Ele democratiza a relação do indivíduo com a informação, permitindo que ele ultrapasse a condição de consumidor, de espectador passivo, para a condição de sujeito operativo, participativo e criativo. (SILVA, 2006, p. 15).

A cultura digital, apesar de ainda ser muito restrita, impulsionou à forma tradicional de escrita. Todo o processo educacional está passando por uma revolução. O hipertexto permite representar um conhecimento articulado com elementos de natureza diversificada. Para lidar com essa cultura, a escola tem que passar por uma ampla reforma em seu currículo, articulando os recursos impressos aos tecnológicos.

O hipertexto possibilita e amplia recursos do texto escrito, articulando com sons, imagens, a cada acesso o leitor abre novas janelas (links), e se depara com novidades, como ler e observar imagens em movimento. É um fator estimulante da leitura e construção do conhecimento, não deixando de ser a leitura impressa também, de grande importância e fundamental para a formação e desenvolvimento do sujeito crítico, autônomo e reflexivo.

As mídias impressas são meios para que alunos e professores possam adquirir e confrontar conhecimentos, desenvolver habilidades e competências, e problematizar questões. Porém, alguns docentes, ou por falta de orientação pedagógica ou por questões tradicionalistas intrínsecas, tendem a limitar as aulas em resumos dos livros didáticos, não aproveitando as possibilidades de integração das diversas mídias.

3.4 Mídia Internet e suas possibilidades

Diversos autores como Valente (2003), Moran (2007), Moore e Kearsley (2007) e Almeida (2007), estudam e discutem sobre o impacto das TDIC na educação, tendo como principais objetivos, a pesquisa e análise sobre como o setor educacional recebe e assimila essas ferramentas que lhes são oferecidas.

Esses estudos visam aprofundar o conhecimento sobre a real importância das TIC no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, a relação entre o docente e o aluno, assim como o estágio sócio-cultural das instituições escolares.

Neste contexto, o acesso acelerado das TDIC oferece oportunidades significativas, assim como imprimem novos desafios. O acesso às informações é democratizado e os alunos cada vez mais chegarão à sala de aula, com amplas experiências de edições de vídeos, de tecnologias musicais digitais, de manipulação de imagens. A escola junto com seus sujeitos envolvidos deverá controlar o acesso desordenado, buscando competências e habilidades viabilizadas pelas TDIC. Esse “controle” contribuirá para uma integração das mídias na educação.

Os professores, através de uma proposta pedagógica poderão desenvolver projetos de pesquisas, de forma interdisciplinar, junto à comunidade escolar, visando uma melhoria na qualidade do ensino-aprendizagem, com o intuito de formar cidadãos críticos e formadores de opinião. É indispensável que os docentes se preparem para aderir ao uso das TDIC, aprimorando o conhecimento e possibilitando que os alunos a utilizem de forma coerente e responsável.

Estes, por sua vez, precisam desenvolver atitudes que permitam maior interação com a realidade do aluno e novas técnicas para lidar com o desconhecido, com o inesperado e com o possível. Essas atitudes possibilitam aprender a fazer, aprender a aprender, encarar problemas de vários pontos de vista, desenvolver

relacionamentos interpessoais (aprender a viver com os outros) e a liberdade de escolha (currículo diversificado).

A linguagem audiovisual perpassa os patamares da educação cognitiva, sendo de extrema importância o ver para compreender e aprender, através não apenas dos códigos escritos e sim através das imagens. Nesse contexto, a internet vem a ser uma importante ferramenta de mediação do conhecimento, que atrai a curiosidade e a atenção dos alunos agregando valores cognitivos importantes para o desenvolvimento social.

Um bom exemplo de ferramenta que se utiliza da internet é o YouTube, site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet, que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, informalmente “você transmite” ou “canal feito por você”. A ideia é parecida com a da televisão, em que existem vários canais disponíveis. A diferença é que os canais são criados pelos próprios usuários em que podem compartilhar vídeos sobre os mais variados temas. Essa ferramenta é capaz de hospedar uma imensa quantidade de filmes, documentários, videoclipes musicais e vídeos caseiros, além de transmissões ao vivo de eventos.

Levando para a prática em sala de aula, o professor pode aguçar em seus alunos diversos sentidos através dos elementos visuais como fotografias, áudio, vídeo, imagens, voz humana e efeitos visuais. Dessa forma, o professor tanto pode ser criador de um canal no YouTube, pelo qual possa armazenar e disponibilizar suas aulas na rede, como também pode pesquisar vídeo aulas de outros professores sobre determinada temática que irá trabalhar em sala. Para isso, o YouTube, disponibiliza diversos vídeos e até um canal específico para a educação: YouTubeEdu com parceira com a Fundação Lemann que disponibiliza conteúdos de alta qualidade com vídeos sobre diferentes disciplinas disseminando conteúdo para todo o Brasil.

4. A PRODUTIVIDADE DOS LETRAMENTOS MÚLTIPLOS NA EDUCAÇÃO DO SEMIARIDO: UMA EXPERIÊNCIA NOS MUNICÍPIOS DE DELMIRO GOUVEIA E ARAPIRACA

Com o intuito de responder à questão aqui apresentada, foram articuladas ações educativas, para formar professores no âmbito das TDIC, a partir de programas que facilitassem o processo de alfabetizar e letrar, nos municípios de Delmiro Gouveia e Arapiraca. Diante disso, desenvolvemos a ação intitulada: “As TDIC mediando o processo de letramento na escola”, que objetivou a realização de oficinas em duas escolas, nas cidades do semiárido alagoano - Delmiro Gouveia e Arapiraca.

Em um primeiro momento, para compreendermos o sentido da metodologia escolhida e a teoria a ser amparada, realizamos diversos encontros para a discussão teórico-bibliográfica acerca das teorias pedagógicas que fundamentam a prática pedagógica numa perspectiva contemporânea. Tal estudo se desenvolveu ao longo da ação, com debates quinzenais, a partir dos textos e livros escolhidos, nos quais realizamos estudos suscitando ampla discussão sobre letramento, tecnologia e prática pedagógica.

De outubro de 2017 a março de 2018 se deu o processo de estudos aprofundados. Cada quinzena detinha como foco a discussão sobre uma das teorias em evidência: Teoria da Autopoiese de Maturana & Varela (1999); Teoria da Ecologia Cognitiva e Inteligência Coletiva, Teoria da Interatividade e cognição no ciberespaço e a Cultura da Virtualidade e Teoria da transitoriedade da internet, de Pierre Lévy (2003), além das discussões sobre gêneros textuais que contemplam as TDIC para o processo de letramento. Tais estudos serviram de fundamento para a segunda etapa da pesquisa, que foi a elaboração de um **manual informativo**, com vistas a explicar o processo de utilização das TDIC e suas possibilidades didáticas a contribuírem com a prática pedagógica do professor.

A ideia da construção e elaboração do manual concretizou mais uma possibilidade didática para a formação dos professores, visto que, o pensamento tradicionalista se remete ao pensar que “formar-se é uma ação que o próprio sujeito acomete-se, ou seja, eu mesmo faço algo para mim e por mim” (VIRGÍNIO, 2009, p. 80), e neste certame, identificamos que “formar-se” para utilizar em sua metodologia

as TDIC, como mediadora do processo de letrar, não é algo que “eu mesmo faço para mim e por mim”, mas se deparar com algo que fizeram para você e por você.

No manual descrevemos o processo de integração das mídias na educação, como se dá a forma de letrar e alfabetizar, os tipos de mídias, os recursos, filmes a serem utilizados em sala de aula, além de indicação de livros. A preocupação quanto à elaboração era de que não poderíamos fazer um manual sério, mas algo que os professores se motivassem e se interessassem em propor em suas aulas.

Nas oficinas, o manual retiniu de maneira significativa, na qual os professores se preocupavam em compreender e apreender que poderiam fazer da mesma maneira, e como incitar pedagogicamente em suas disciplinas os alunos a elaborarem algo semelhante.

Para o desenvolvimento da pesquisa, após a escolha definitiva do objetivo da oficina, após o diagnóstico de cada escola, o passo seguinte se estabeleceu em envio de ofícios aos responsáveis de cada uma, propondo a formação nos municípios suscitados e solicitando suas contrapartidas. As escolas dos municípios de Delmiro Gouveia e Arapiraca manifestaram interesse mútuo quanto à realização da oficina, e iniciamos as articulações. Em Delmiro Gouveia divulgamos no entorno para professores e comunidade acadêmica em geral. A maioria de professores que se interessam em participar da oficina eram aqueles que não tinham familiaridade ou acesso constante ao uso das TDIC. Logo, o diagnóstico feito por estes municípios, destacaram que esses profissionais necessitavam aprender e compreender o uso e não explorar as possibilidades das interfaces.

Foram duas oficinas em cada escola, divididas em 4 aulas cada. Nas primeiras aulas levamos os educandos para o laboratório de informática e lá aconteceu a arguição detalhada do curso, assim como a exposição do intuito e o objetivo que queríamos. Logo após, partimos para explanação das ferramentas e os gêneros textuais que poderiam auxiliar na prática educativa, em especial no ato de alfabetizar.

Desta forma, escolhemos recursos de simples acesso, a fim de facilitar quanto ao uso na prática pedagógica. Propusemos trabalhar com a elaboração de uma rádio, através do Audacity (www.baixaki.com.br/download/audacity.htm), a construção de objetos no software Minecraft (www.baixaki.com.br/jogos/cenarios), a estruturação de histórias em quadrinhos no Pixton (www.pixton.com), poesias no Power Point e a importância da utilização do YouTube na sala de aula

(https://www.youtube.com/channel/UCs_n045yHUiC-CR2s8Ajlwg). Com base nas diversas construções de possibilidades de aprendizado nas oficinas, destacamos:



Figura 1: Professores utilizando o software Minecraft

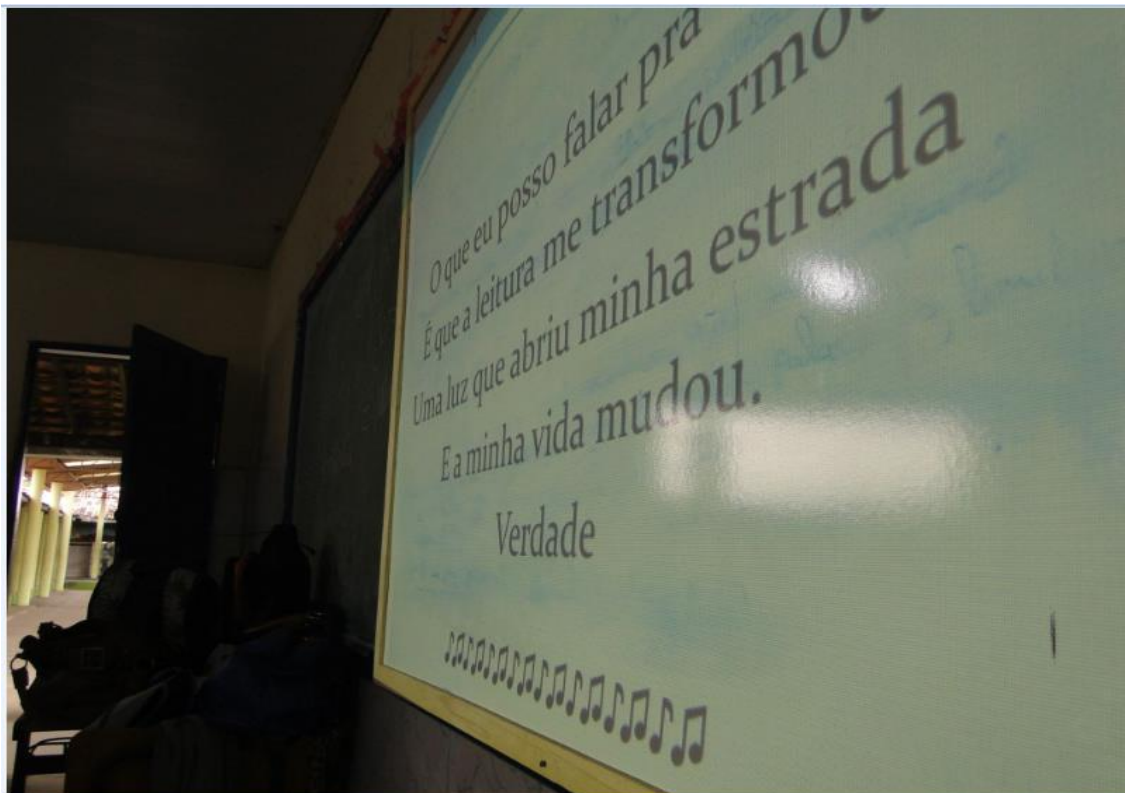


Figura 2: Poesias no Power point



Figura 3: Elaboração da Rádio no Audacity



Figura 4: HQ no pixton

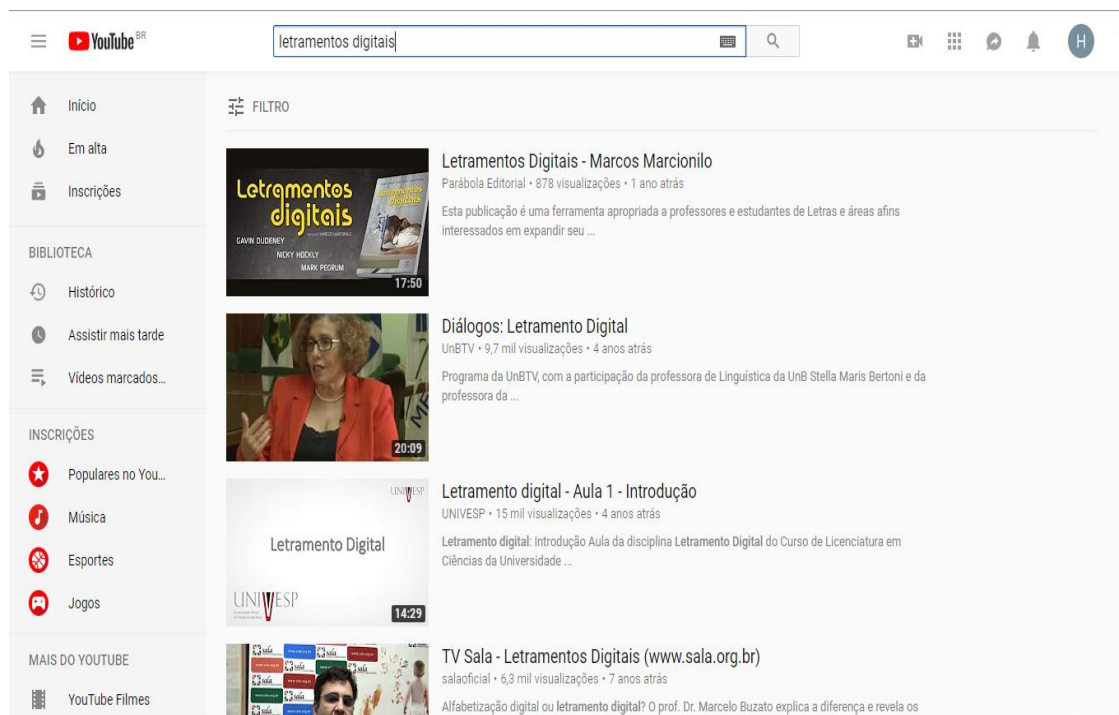


Figura 5: Uso do YouTube Educação

Inúmeros são os recursos didáticos importantes para a execução de projetos para letrar e alfabetizar através das TDIC e gêneros textuais de mídias impressas, que auxiliam o trabalho do professor, desde os livros paradidáticos, revistas de interesse geral, revistas especializadas em educação, jornais, revistas e jornais online. A questão não incide no aparecimento das TDIC, mas fazer uso destas no processo de letramento no contexto escolar.

Como vimos acima, as TDIC são meios para que alunos e professores possam adquirir e confrontar conhecimentos, desenvolver habilidades e competências, e problematizar questões. É necessário identificar que o papel do professor, nesse contexto é de inserir o aluno ao ambiente que lhe permita encontrar soluções ao invés de oferecer, de ser um provocador, induzindo o aluno a pensar e a agir conscientemente diante de situações novas e dos desafios que surgem permeados pelos avanços tecnológicos, levantando hipóteses, avaliando e refletindo sobre os resultados.

Não obstante, é indispensável envolver os alunos no processo de participação, interação, enfatizando que o mesmo é o sujeito da aprendizagem, capaz de construir o seu próprio conhecimento. Logo, o docente, então, interpretará, analisará o saber composto, construindo e reconstruindo o conhecimento dos

alunos, devendo assim, assumir seu papel no desenvolvimento das ações inovadoras.

Por isso a importância da prática, produção e elaboração de projetos que visem o conhecimento como uma unidade integradora que privilegia a interação social e a mediação do professor, pois é através da construção do conhecimento que há um processo dinâmico, aberto e interativo no qual o sujeito participa e constrói sua aprendizagem em interação.

A vivência das práticas de leitura e escrita nas séries do ensino fundamental unida as TDIC capacitam o aluno a compreender textos de diferentes disciplinas e interpretar diferentes situações-problema. Para isso, é necessário que o professor, enquanto sujeito mediador do conhecimento, faça escolhas de procedimentos didáticos metodológicos que, de fato, tenham sentido para os educandos e que os levem a práticas efetivas de convivência interação ao seu entorno.

Contudo, a nossa intenção no curso de formação não se tratou apenas de mostrar que existem ferramentas auxiliaadoras no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, mas levar à compreensão de que o trabalho pedagógico deve ser reformulado e requer do professor habilidades no manuseio e a compreensão do suporte que essas ferramentas podem estar dando para o conhecimento. Lembrando sempre que o professor precisa estar preparado para trabalhar com a linguagem audiovisual e compreender os impactos e as potencialidades dos recursos utilizados, sabendo escolher o mais adequado para determinada aula.

4.1 Alguns apontamentos sobre a aplicabilidade do curso de formação

Aqui, reservamos um espaço para uma pequena descrição das nossas impressões sobre cada ferramenta trabalhada no curso. Percebemos a interação que os debates promoveram através da dinamicidade que as oficinas promoviam, onde verificamos o desenvolvimento de habilidades e competências na participação efetiva de todos. Os professores mostraram-se bastante felizes com os resultados. Os debates durante as oficinas foram produtivos, pois serviu também para quebrar a visão do senso comum entre alguns professores, de que a internet é algo negativo, que atrapalha as aulas. Assim, pudemos explicar que se usada de maneira adequada, no momento certo, com planejamento e objetivos, ela é, de fato uma ferramenta auxiliadora das aulas.

O Audacity - software livre de edição digital de áudio, podemos mostrar como o aplicativo pode auxiliar o professor a ilustrar suas aulas e na fixação de conteúdos curriculares. Com o aplicativo os professores fizeram uma pequena demonstração da gravação de um texto, uma poesia. Na prática, puderam perceber que é uma boa proposta para se trabalhar entonação da voz, pois o aluno que tem uma boa voz poderá gravar leituras de livros, que sejam de domínio público, e depois poderia compartilhar sua leitura com os demais alunos.

Com o Youtube, puderam perceber a sua importância, por ser uma ferramenta de fácil acesso, que trabalha com diversos sentidos através dos elementos visuais como fotografias, áudio, vídeo, imagens, voz humana e efeitos visuais e fluidez de sons, favorecendo o encontro de imagens que muitas vezes não são encontradas nos livros didáticos, instigando a curiosidade dos alunos e despertando o interesse em aprender e construindo percepções, sentimentos e competências.

A ferramenta do Power Point, mais conhecido como programa para apresentações, mostramos como ela pode ser uma ferramenta versátil e interativa, permitindo a criação quebra-cabeças, jogos de memória, através de gêneros textuais que podem utilizar de linguagem verbal e não verbal em sala de aula, de modo a auxiliar o processo de alfabetização. Em resposta a nossa explanação, vimos o quão fácil foi à utilização e assimilação por partes dos professores, pois os mesmos, em um trabalho colaborativo, se utilizavam tanto dos computadores quanto de dispositivos móveis, como celular e tablets.

Com relação ao Pixton, serviço online de criação de quadrinhos, os professores puderam perceber que a sala de aula pode ser um laboratório de ideias múltiplas, pois a comunicação através de HQ discutidas em sala pode permitir uma construção discursiva dos mais variados temas que podem ser abordados nas produções do gênero. Dessa forma, o aluno se torna autônomo na elaboração individual/coletiva do conhecimento de mundo e permitindo que o professor seja uma ponte com as atividades de criação, pesquisa, colaboração, criatividade e inovação.

Sobre o software Minecraft, jogo aberto onde os jogadores decidem por conta própria o que querem fazer, os professores se sentiram a vontade para manuseá-lo, pois pedimos para cada um a criação de seu personagem em um mesmo 'mundo'

dentro do jogo para trabalharem em colaboração. Com essa atividade, puderam compreender como o jogo proporciona uma aprendizagem imersiva, colocando o aluno como protagonista do próprio aprendizado. Por exemplo, o professor consegue criar um único ambiente e colocar todos os alunos para ser tratado determinado tipo de assunto em uma aula. Além disso, o professor pode ingressar em uma comunidade de educadores que também utilizam o jogo em sala de aula, com o objetivo de compartilhar planos de aula e dicas uns com os outros.

Ao final do curso, incitamos os professores a refletirem sobre o quão importante é dominar as ferramentas que serão utilizadas para a execução da aula, seja através de vídeos, dos softwares e aplicativos digitais, pensando também que para que isso tenha uma aplicabilidade eficaz, é necessário saber utilizar um CD, DVD, pendrive, Datashow, internet, compartilhamento de links, redes sociais entre outros. Entender que para que tudo isso se efetive dentro da aula é preciso planejamento da aula, para então, identificar seus objetivos. Além disso, ter a consciência de que é preciso despertar a criticidade e a reflexão para os problemas sociais, através de sons, imagens e textos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento como estado ou condição que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto das mudanças de âmbito social, cultural, político, econômico, cognitivo e linguístico tem papel importante na sala de aula, pois constrói uma rede com várias possibilidades a se explorar e não, um único caminho a ser percorrido. Sobre essa perspectiva, para que haja esse tipo de letramento, é necessário que o aluno seja estimulado a práticas de novas competências de leitura e escrita, novas habilidades e conhecimentos específicos com o domínio das TDIC, elemento indispensável para aqueles que desejam participar ativamente na era digital.

A partir das experiências no ensino fundamental percebemos que existe a preocupação que os professores têm em formar bons leitores e também bons entendedores daquilo que está sendo ensinado, mas por inúmeras vezes esse anseio tem se confundido com o ato falho de apenas alfabetizar, ensinando códigos a serem assimilados. Alfabetizar por si só não é suficiente, pois busca apenas técnicas para a compreensão da linguagem, no que diz respeito a seus conteúdos gramaticais, já o letramento vai além do codificar e decodificar símbolos do nosso alfabeto, pois, apesar de utilizá-los em práticas sociais, ele, basicamente, tem a ver com a interpretação que o sujeito faz do mundo.

O acesso as TDIC e mídias nos colocam interligados numa rede mundial, a velocidade com que as informações se processam e os diferentes canais de comunicação abertos propõem uma nova maneira de organizar, selecionar e construir conhecimento. Nesse contexto, as exigências são postas à educação e, por consequência, ao professor, que se encontra diante de uma realidade para a qual não recebeu informação, vendo-se obrigado a incorporar novas concepções sobre as relações do saber, reformular suas práticas e fazer uso dos diversos recursos de comunicação.

Quando o professor se propõe a “formar-se” para utilizar as TDIC, não se trata apenas de entender o processo de ensinar a codificar e decodificar a tecnologia, ou mesmo usar teclados, interfaces gráficas e programas de computador, mas de inserir-se em práticas sociais nas quais a escrita, mediada por computadores e outros dispositivos eletrônicos, tem um papel significativo.

Dessa forma, fica claro que inseri-las à prática pedagógica, não é uma simples questão que se resolve comprando computadores, ou participando de cursos de formações, ou utilizando aquele *software*, trata-se de ter ou não acesso à infraestrutura tecnológica, um dos fatores primordiais para a influência digital, mas não é o único, nem o mais relevante.

Não basta apenas ter acesso ao computador dentro ou fora da escola, mas é preciso planejar o uso crítico e eficaz dos recursos tecnológicos, visando à autonomia e à cidadania dos sujeitos. E o papel da escola nesse processo não pode desconsiderar os impactos das TDIC no processo de ensino aprendizagem, é preciso mostrar os benefícios que ela proporciona principalmente na formação de sujeitos críticos.

O software educativo é um recurso didático tal quais livros, filmes, imagens, música e revistas, com a vantagem de possuir muito mais recursos visuais e auditivos, além de permitir a interatividade. Também tem o importante papel de promover o letramento digital, já que coloca os professores e alunos em contato com as TDIC. Mediante isso, voltemos a epígrafe escolhida para o trabalho de CHONG (1996): *“Letramento é [...] um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser”*. O ato de letrar não é uma simples representação visual de algo, do bem falar e escrever, decorativo e estático fazendo alusão às regras ortográficas, mas que possa representar sujeitos, contextos e lugares diferentes. Que esse mapa possa ser o guia para que cada indivíduo, através da leitura, tenha a capacidade de desenvolver sua criticidade, sua competência comunicativa e tornar seres capazes de compreender e interagir com o mundo a sua volta. Assim, o que precisamos é formar uma população ativa que se aproprie das possibilidades tecnológicas, para a efetivação de uma consciência mais colaborativa tecnológica no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando (org). **Educação à distância**: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. São Paulo: MCT/PUC/SP, 2002.

ALMEIDA, Maria E. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: MORAN, José M.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC/SEED, 2005.

ALMEIDA, Maria E.; PRADO, Maria E. Estratégias em educação a distância: a plasticidade na prática do professor. In: VALENTE, José A.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Formação de Educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ARROYO, M. G. **A Educação Básica e o movimento social do campo**. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 65-86.

BAKHTIN, Michael. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BACEGGA, M. A. Educação e tecnologia: diminuindo as distâncias. In: KUPSTAS, M. (Org.) **Comunicação em debate**. São Paulo: Moderna, 1997.

BELLONI, Maria. L. **O que é mídia-educação**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo; Loyola, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: _____ KARWOSKI, Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org). 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b. p. 15 – 28.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, José M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. Porto Alegre, **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, PGIE-UFRGS. v.3, n. 1, setembro, 2000.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. **O professor de língua portuguesa: modos de ensinar e de aprender**. In: AZEREDO, José Carlos de (org). Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: As muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

SOARES, M. B. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Soares, M.: *Letramento: um tema em três gêneros*, Autêntica: Belo Horizonte, 1998.

_____. *Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 25/07/2018.

VALENTE, José A (org.). **Formação de educadores para o uso da informática na escola**. Campinas: Unicamp/Nied, 2003.

VIRGÍNIO, Maria Helena da Silva. **Análise dos conceitos de formação docente no contexto educativo-formativo brasileiro**. 2009. Tese (Doutoramento em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.